

---

**FUTEBOL E AS AGITAÇÕES OPERÁRIAS**

**FOOTBALL AND WORKERS AGITATIONS**

Agnaldo Kupper\*

**RESUMO**

A princípio, o futebol associava-se às elites. No Brasil, popularizou-se de forma assustadora a ponto de tornar-se uma extensão do ambiente doméstico e do trabalho, em especial a partir do primeiro quartel do século XX, período em que as agitações operárias preocupavam empresários e governo (este último enquanto representante dos interesses dos possuidores e do Estado em si). Fato é que o até então esporte das elites tornou-se uma poderosa expressão dos setores sociais mais empobrecidos, em uma disseminação impressionante, talvez por ser esta prática esportiva a única que inspire a possibilidade da quebra das hierarquias sociais, o que significa dizer que nem sempre o favorito vence.

**Palavras-chave:** Futebol. Ideologias. Movimento operário.

**ABSTRACT**

At first, football was associated with the elite. In Brazil, it has become popular so scary about to become an extension of the home environment and labor, particularly from the first quarter of the twentieth century, during which the workers agitations worried businessmen and government (the latter as representative the interests of owners and the state itself). The fact is that the hitherto sport of the elite has become a powerful expression of the most impoverished social sectors in an impressive spread, perhaps because this sports practice the one that inspires the possibility of breaking the social hierarchies, which means that not always the favorite wins.

**Keywords:** Football. Ideologies. Labor movement.

---

\* Historiador; escritor; professor de ensino superior e de pós-graduação; mestre em História (área: História e Sociedade); doutorando em História (área: Política: ações e representações) pela Unesp-Assis/SP.

## **ORIGEM DO FUTEBOL: NO MUNDO, NO BRASIL**

A bola já rolava em Florença ao final da Idade Média. Disputava-se o *cálcio*, termo ainda utilizado nos dias atuais ocidentais para designar futebol.

Mas foi no século XVIII, com a consolidação do parlamentarismo e com a Revolução Industrial, representando a vitória do capitalismo na sociedade inglesa, que começaram a ocorrer mudanças no jogo da bola. Aos dirigentes da aristocracia interessava reformular a educação então dominante no país. O futebol, esporte que vincula disciplina e solidariedade, serviria ao propósito. Para tanto, regras fixas deveriam ser criadas. Em 1823, na Rugby School, a discussão se deu: deveria a prática permitir também o uso das mãos? Com a aceitação, nasceu o chamado *rugby*<sup>1</sup>. Em 1863, por sua vez, surgiu o chamado football association (futebol moderno), quando representantes de onze clubes e escolas reuniram-se e fundaram a Football Association, em Londres. Neste mesmo ano, o futebol foi codificado em apenas quatorze regras (atualmente, são dezessete), tornadas públicas em livros e cartilhas distribuídas pelo país. Como as discussões mantinham-se, necessária a introdução de um árbitro. Decidiu-se, ainda, que os jogos deveriam ser decididos por gols e, em caso de necessidade, com prorrogações, até que houvesse desempate<sup>2</sup>.

As últimas décadas do século XIX tiveram como uma de suas características o crescente fortalecimento das paixões nacionalistas, sobretudo nas sociedades capitalistas centrais, empreendedoras de vigorosa expansão imperialista. Paralelamente, surgiram resistências à adoção do futebol enquanto prática esportiva. Mas por pouco tempo. O esporte proliferou, chegando à França em 1872, à Suíça em 1879, à Bélgica em 1880, à Holanda, Dinamarca e Alemanha em 1889, à Itália em 1893, ao Brasil em 1895 (de forma oficial).

Em 21 de Maio de 1904, sem a presença da Inglaterra, sete países (Holanda, Espanha, Dinamarca, Bélgica, Suécia, Suíça e França) fundaram, em Paris, a Federação Internacional de Futebol (FIFA). Já em sua primeira reunião, a intenção de se organizar um campeonato mundial de futebol, independentemente das Olimpíadas. No ano seguinte, filiaram-se as federações da Hungria, Áustria, Itália, Alemanha e Inglaterra. Com a popularização do esporte, federações de outros países foram aderindo à agremiação. Na

<sup>1</sup> MARTINS, Duílio. **Nacionalidade de uma paixão universal**: história do Futebol. São Paulo: Cosespe, 1997

<sup>2</sup> NORONHA, Sérgio (Org.). **Almanaque dos esportes – 1975**. Rio de Janeiro: Rio Gráfica, 1975, p. 294.

América Latina, a rápida propagação da modalidade foi facilitada pelo fato de existirem no continente comunidades inglesas ligadas a empresas e empreendimentos do capitalismo inglês<sup>3</sup>. A prática fez tanto sucesso, que Hobsbawn (1987) classificou-a como a “religião leiga da classe operária”<sup>4</sup>.

Há pouco mais de cem anos o futebol é praticado de forma proliferada no Brasil. Há indícios de que partidas do esporte foram disputadas durante o II Reinado (1840-1889) e é fato que as primeiras menções ao futebol em nosso país foram feitas no século anterior (os anais de 1746 da Câmara Municipal de São Paulo atestam para a proibição do jogo da bola, pois o considerava provocador de agrupamentos de vadios e desordeiros<sup>5</sup>). Crê-se, no entanto, que os ingleses foram os primeiros a jogar bola nas praias e capinzais existentes no litoral brasileiro. Informações pouco precisas dão conta de que, por volta de 1875, trabalhadores ingleses e brasileiros pertencentes a empresas britânicas se enfrentavam em partidas de futebol no campo do Payssandu Cricket Club, no bairro Laranjeiras, cidade do Rio.

O futebol association foi trazido para o Brasil (especificamente, São Paulo) por Charles Miller (1874-1953), embora parem dúvidas a respeito (os gaúchos, por exemplo, afirmam que o futebol teria sido introduzido no país por Sir Artur Lawson<sup>6</sup>). A historiografia assinala a data de 14 de Abril de 1895 para a realização do primeiro confronto oficial de futebol do país. Já o ano de 1898 assistiu à criação do primeiro clube destinado à prática no Brasil: a Associação Atlética Mackenzie College (SP). Há referências de que ao final do século XIX colégios jesuítas do Rio Grande do Sul e maristas do Rio de Janeiro praticavam futebol como parte integrante dos exercícios físicos e que instituições de ensino adotavam a prática futebolística como atividade curricular (Colégio Pedro II, Delamare, Paula Freitas, Anglo-Brasileiro e Arquidiocesano). Algumas citações apontam que clérigos católicos viam no futebol uma forma de solucionar problemas disciplinares entre os discentes<sup>7</sup>.

Em 1900 foi criado o Clube Atlético Paulistano. Mackenzie e Paulistano fundaram, em seguida, a Liga Paulista de Futebol. Com o tempo, foram surgindo pequenos times que passaram a disputar pelepas concorridas nos diversos campos na Várzea do Carmo, Parque D.

<sup>3</sup> AQUINO, Rubim. **Futebol uma paixão nacional**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

<sup>4</sup> HOBBSAWN, Eric. **Mundos do Trabalho**: Novos estudos sobre a história operária. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

<sup>5</sup> CUNHA, Loris B. **A verdadeira história do futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Arade, [20--?].

<sup>6</sup> CUNHA, Loris B. **A verdadeira História do futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Publicitária, 1994, p. 1.

<sup>7</sup> Soares, Lovisol, Helal 2001, p 125.

Pedro II. Não demorou, agremiações despontaram. Caso do Sport Club Corinthians Paulista (1910), Santos Futebol Clube (1912), União Mogi Futebol Clube (1913), Antartica Futebol Clube (1915, já extinto), Associação Portuguesa de Desportos (1920), Clube Atlético Juventus (1920) e do Comercial Futebol Clube (1911), isto para ficarmos apenas no Estado de São Paulo, não levando em consideração o surgimento de dezenas de outros clubes de football que se espalharam pelo Brasil<sup>8</sup>.

Nos primeiros anos do século XX, o caráter da prática era elitista, com agremiações fechadas, preenchendo o tempo livre dos filhos das famílias mais abastadas<sup>9</sup>. Tal elitismo pode ser demonstrado nos preços cobrados aos que desejassem se associar aos clubes familiares que foram sendo formados: altíssimos, para a época. Ao serem anunciados para uma partida (escalação), os jogadores tinham os nomes antecidos por “senhor”<sup>10</sup> (o senso comum aponta que a origem da palavra *torcida* provém do traje dos acompanhantes das partidas de futebol: usavam normalmente terno e o lenço às mãos lhes servia para enxugar o suor, sendo tal peça espremida pelo apreciador nos momentos mais emocionantes da peleja). Mesmo sendo uma prática para poucos, em 1914 teriam sido realizadas, apenas num domingo paulista, trinta e sete partidas, envolvendo setenta e quatro clubes, cento e quarenta e oito times, com cerca de mil e seiscentos jogadores<sup>11</sup>.

120

No Rio de Janeiro, a prática do futebol ganhou projeção após a reurbanização da cidade no início do século XX, realizada sob organização de Francisco Pereira Passos. Na modernização da capital federal (com objetivo de consolidar o regime republicano no país), centenas de habitações de segmentos sociais menos favorecidos foram colocadas abaixo para dar lugar, entre outros, a grandes avenidas. A grande parcela da população prejudicada pelas obras não tardou a revoltar-se, fazendo surgir a primeira grande revolta urbana da história brasileira: a Revolta da Vacina (1904), reprimida com a força da polícia e, quem sabe, com o estímulo ao futebol nos terrenos baldios e nas praias, em especial entre as maltas<sup>12</sup>, já que a

<sup>8</sup> Relatórios da Confederação Brasileira de Desportos e da Confederação Brasileira de Futebol.

<sup>9</sup> SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu Extático na Metrópole**: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Cia. das Letras, 1992.

<sup>10</sup> MAZZONI, Tomás. **História do Futebol no Brasil**. São Paulo: Leia, 1950.

<sup>11</sup> ARAÚJO, José Renato de C.. **Imigração e Futebol**: o caso Palestra Itália. São Paulo: Sumaré, FAPESP, 2000, p. 64.

<sup>12</sup> grupos de capoeiristas

prática da capoeira passou a ser incessantemente perseguida após o apoio destes às manifestações ocorridas na cidade-capital<sup>13</sup>.

O jogo de futebol, impressionantemente, perdeu rapidamente seu caráter elitista, ganhando força entre os “cabras”, ainda no primeiro quartel do século XX, quando operários viviam às turras com o sistema opressor das fábricas e eram guiados em suas reivindicações por ideologias como o anarquismo, especialmente em cidades como São Paulo e Rio de Janeiro.

Muito antes de se disseminar pelas fábricas e esquinas dos principais centros urbanos do Brasil, o futebol espalhou-se pelos ambientes escolares ingleses do país, em especial devido à intensa urbanização da segunda metade do século XIX, tornando-se, provavelmente, a válvula de escape de um processamento opressor.

Ganhando fôlego no Brasil e, especificamente, em São Paulo e Rio de Janeiro, as empresas passaram a criar seus clubes. Na década de 1920, difícil apontar uma grande indústria que não tivesse seu time principal. Muitas equipes fabris passaram por um processo de profissionalização, fazendo surgir o “operário-jogador”.

121

## **O MOVIMENTO OPERÁRIO BRASILEIRO NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX**

A ascensão da República no Brasil, a partir de 1889, não alterou o quadro econômico do país, que se manteve agrário-exportador, com destaque à produção e dependência do café.

No entanto, o cenário começaria a mudar a partir da eclosão da Primeira Guerra Mundial (1914-1918). O desencadeamento do conflito europeu acarretou profundas mudanças na economia brasileira, até então estruturada quase na sua totalidade na agricultura de exportação.

Como reflexo da Guerra, o Brasil passou a compor de forma mais eficaz seu parque industrial, em razão das dificuldades de importar produtos manufaturados europeus, assim como de obter créditos no exterior. Com o desenvolvimento e proliferação das indústrias, passaram a ser produzidas no país as mercadorias de que a população necessitava. Esse surto

---

<sup>13</sup> AQUINO, op.cit, p.39.

industrial, no entanto, ocorreu sem qualquer política de incentivo do governo federal, cujas ações se voltavam ainda para a proteção da cafeicultura e de outros produtos do setor primário. Mesmo assim, os obstáculos não impediram que o setor industrial brasileiro se desenvolvesse. Um exemplo: em 1907, havia no Brasil 3 250 pequenas indústrias; em 1914, seu número era de 7 430; em 1920 já existiam cerca de 14 mil estabelecimentos industriais espalhados pelo país<sup>14</sup>. Com tal desenvolvimento industrial, a estrutura da sociedade brasileira se diversificou, consolidando para o cenário de São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador, Recife e Porto Alegre um novo componente da dinâmica social: a classe operária. Nessas cidades, a maior parte dos trabalhadores fabris era constituída de imigrantes europeus (a maioria italianos, portugueses e espanhóis).

As condições de vida dos trabalhadores fabris do Brasil (embora poucos em número num país ainda de base rural) eram lastimáveis, em especial a partir da aceleração industrial brasileira advinda como consequência da explosão da Primeira Guerra Mundial (1914-1918): casas infectas, falta de água, ausência de rede de esgoto e iluminação, baixos salários, inflação galopante, ausência de regulamentação mínima de trabalho, alta jornada diária, exploração em massa de mulheres e crianças nas fábricas, disciplina rigorosa no interior dos centros produtivos.

À medida que o processo de industrialização avançava em áreas como São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e Minas Gerais, o antagonismo entre burguesia e proletariado industrial engrandecia. Passaram a surgir associações demonstradoras da obtenção progressiva de consciência do proletariado em formação (sindicatos), lapidadas em idéias pela experiência dos imigrantes estrangeiros, com as ligas ou associações de resistência organizando os trabalhadores na luta por melhores condições. Como muitos dos estrangeiros atraídos ao Brasil provinham de regiões do sul do Velho Mundo, contaminadas por fortes visões anarquistas<sup>15</sup>, não é de se estranhar que tais ideologias passassem a prevalecer sobre as lutas trabalhistas.

Para anarco-sindicalistas, a função sindical era a promoção de atividades de lazer, culturais e educativas. Tais atividades, acreditavam, poderiam gerar a consciência de classe e

---

<sup>14</sup> Censos Industriais do período.

<sup>15</sup> o termo anarquista é usualmente empregado para identificar o militante que atuava junto ao movimento operário, porém fora dos quadros sindicais; o militante que atuava nos sindicatos era identificado como anarcosindicalista e/ou sindicalista revolucionário.

a solidariedade entre os trabalhadores<sup>16</sup>. Mas as necessidades urgentes, tais como melhores condições de trabalho e de salários, prevaleceram. Ou seja, a visão de longo prazo acabou perdendo espaço para o premente.

Grosso modo, os anarquistas propunham a ação consciente e particular através da união de produtores livres e independentes, condenando todas as formas de poder, como o ideológico, o econômico e o político e combatendo a idéia de governo, de autoridade, do Estado<sup>17</sup>.

O anarco-sindicalismo, por propor uma prática política que aponte objetivos mais amplos e imediatos (como salários mais justos), teria sido mais agregador do que o anarquismo, debatedor constante do sindicalismo. Porém, as duas correntes identificavam com clareza os inimigos da sociedade: as classes dominantes e o Estado.

O sindicalismo brasileiro, no primeiro quartel do século XX, embora mostrando instabilidades, foi precursor como instrumento da organização operária, gerando certa aflição à burguesia industrial. Para Edgard Carone<sup>18</sup>, as funções do sindicato deveriam ser apresentadas através da “consciência de classe em defesa de seus princípios e o da vida social educativa, representando local de conferências literárias, festas, vida social e artística”, contribuindo para uma maior ligação entre operários e seus familiares, para a preservação dos valores culturais e para a arrecadação de fundos para a manutenção das associações de classe, dos jornais representativos dos operários, das escolas livres e para a luta por melhores condições de trabalho (como a redução da jornada de trabalho e melhores salários).

Em julho de 1917, iniciou-se uma onda de greves que paralisou São Paulo e várias indústrias do interior do Estado. As reclamações operárias tornaram-se mais intensas, inclusive com reclamações com a especulação com gêneros alimentícios de primeira necessidade. O movimento, iniciado pelos tecelões do Cotonifício Crespi, reuniu mais de quarenta mil trabalhadores paulistas. Não tardou para que medidas enérgicas fossem tomadas por parte das autoridades, ordenando, inclusive, que soldados atirassem em manifestantes com o intuito de evitar passeatas e que fossem aprisionados os principais líderes do movimento

---

<sup>16</sup> ALVES, Paulo. **Anarquismo e Anarcosindicalismo (teoria e prática no movimento operário brasileiro – 1906-1922)**. Curitiba: Aos quatro ventos, 2002.

<sup>17</sup> GUERIN, Daniel. **Anarquismo: da Doutrina à Ação**. Rio de Janeiro: Germinal, 1999.

<sup>18</sup> CARONE, Edgard. **Introdução ao Estudo do Movimento Operário no Brasil – 1877-1944**. Ensaios de Opinião. São Paulo, 1979.

que, neste mesmo ano, já passava a influenciar trabalhadores de outras unidades da federação<sup>19</sup>.

O pensamento libertário foi influenciador direto das paralisações operárias deflagradas em São Paulo (1917 e 1919) e no Rio de Janeiro (1918), mesmo existindo a oposição e a repressão sistemática do Estado à ideologia. Em São Paulo, a influência anarquista sobre os trabalhadores era maior, até porque a população da cidade se apresentava mais homogênea e com uma classe operária mais encorpada<sup>20</sup>.

Se o anarquismo e o anarco-sindicalismo influenciaram fortemente a organização operária brasileira entre o final do século XIX e 1922, é passível de afirmação, também, que a eclosão da Revolução Russa de 1917 trouxe a força de novas orientações à luta trabalhista no mundo (no Brasil tais influências ganharão impulso principalmente entre 1919 e 1922, inclusive com muitos líderes anarquistas e anarco-sindicalistas migrando para o comunismo). As ações contínuas de repressão à organização dos sindicatos de trabalhadores brasileiros (tais como prisões e deportações de líderes) associadas às dissidências de lideranças, apontavam o cenário do movimento operário nacional no ano de 1921: desarticulação (para não dizer desorganização). A fundação do Partido Comunista Brasileiro, em 1922, associada à decadência do anarquismo e anarco-sindicalismo enquanto forças influenciadoras da organização dos trabalhadores do país, trouxe ao movimento operário novas inspirações<sup>21</sup>. E serão exatamente estes novos estímulos que nortearão a luta sindical brasileira a partir de então, pelo menos até a Revolução de 1930.

124

## **ESTRATÉGIAS ESTATAIS DE REPRESSÃO À ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA**

Não há como contestar que as classes trabalhadoras brasileiras tiveram no Estado o grande empecilho para sua organização.

Não é o caso, no momento, de descrevermos os artigos, decretos, leis e portarias estatais estabelecidas para o controle dos “inimigos” da República, mas atentarmos que práticas repressivas foram utilizadas no combate à organização sindical dos trabalhadores

<sup>19</sup> PETTA, Nicolina L. **Para entender o anarquismo**. São Paulo: Moderna, 2004.

<sup>20</sup> FAUSTO, Boris. **Trabalho Urbano e Conflito Social (1890-1920)**. São Paulo: Difel, 1976.

<sup>21</sup> ALVES, op.cit, p.54.

brasileiros, em especial no primeiro quartel do século XX, quando a mesma se mostrou mais vigorosa. Além do uso efetivo do sistema prisional e das expulsões de cidadãos “nocivos”, a imprensa operária foi cerceada, muitas greves foram coibidas em seu embrião, sindicatos foram perseguidos ou mesmo fechados e manifestações culturais próprias da classe operária foram sufocadas (seja diretamente, com a perseguição a lideranças libertárias, seja indiretamente, com a substituição da cultura operária pela cultura incentivada por controladores dos meios de comunicação associados ao poder político e econômico, criadores de versões para os fatos de acordo com os interesses do momento<sup>22</sup>, caso do jornal *O Paiz* que, por ocasião das greves de 1917, 1918 e 1919, chegou a recomendar ao governo “a utilização da violência física como repressão aos movimentos”<sup>23</sup>).

As greves articuladas entre 1917 e 1921 (mais contundentes na cidade de São Paulo, Rio de Janeiro e nos Estados do Rio Grande do Sul, Bahia, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Paraíba e Alagoas<sup>24</sup>), serviram de argumento para a ação mais forte e dura do governo no que tange à perseguição a líderes trabalhistas. As autoridades policiais, judiciárias, clericais e empresariais (caso das instituições Centro Operário Católico e Liga Patriótica, defensoras da “ordem e da pátria brasileira”<sup>25</sup>) criaram o clima de conspiração estrangeira. Com o objetivo de manutenção da ordem pública, inúmeros imigrantes foram expulsos do país, sempre com o uso de fatos criados pelos governantes estaduais e federais (muitas vezes a partir de agentes policiais inseridos no meio operário) e com o apoio da imprensa atrelada às esferas oficiais.

Mas as práticas de repressão às organizações operárias teriam sido apenas violentas? Ações mais sutis como a massificação do futebol, até então basicamente enraizado em faixas sociais mais privilegiadas, teriam sido utilizadas? Em que momento a prática esportiva do futebol se encontra com o anarquismo, com o anarco-sindicalismo e com o comunismo no Brasil? A partir deste cruzamento, como anarquistas, anarco-sindicalistas, comunistas e demais correntes de esquerda se postaram perante o avanço do futebol? Eis algumas perguntas que merecem respostas concretas para que possamos entender de forma mais consistente um

<sup>22</sup> PETTA, Nicolina L.; DELFINO, Luciano. **Para entender o anarquismo**. São Paulo: Moderna, 2004.

<sup>23</sup> MARAM, Sheldon L. **Anarquistas, Imigrantes e o Movimento Operário Brasileiro (1890-1920)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p. 60-65.

<sup>24</sup> PETTA; DELFINO, op. cit, p. 54-55.

<sup>25</sup> O Estado de São Paulo. São Paulo, 16 de Março de 1920.

pouco mais da história social e trabalhista brasileira e, na esteira do processo, do futebol no país.

Lima Barreto (1881-1922), considerado o ‘romancista da Primeira República’, parecia prever sobre o uso do futebol como agente da despolitização. Para o autor, o esporte seria “filho do imperialismo”, chegando a afirmar que “o futebol é coisa inglesa ou nos chegou por intermédio dos arrogantes e rubicundos caixeiros dos bancos ingleses, ali, da rua da Candelária e arredores, nos quais todos nós teimávamos em ver bondes e pares do Reino Unido”<sup>26</sup>.

Da mesma forma, Graciliano Ramos chegou a afirmar que o futebol seria a “prova da superioridade europeia sobre o brasileiro”, apontando ainda que a popularidade do futebol seria apenas um “fogo de palha pelo frágil biótipo dos que habitam o Brasil”<sup>27</sup>.

Joel Rufino, ao contextualizar a popularização do futebol, afirma que tanto em São Paulo quanto no Rio de Janeiro a febre pela prática teria sido resultado direto da intervenção dos patrões e do poder público já que a emergência das greves operárias de 1917 teria feito “ver às autoridades industriais que a cidade precisava de um esporte de massas, como uma criança que se manda brincar para queimar energias”<sup>28</sup>. Por esta visão, os operários teriam sido incentivados a jogar futebol.

Na mesma linha de raciocínio, Herschmann e Lerner<sup>29</sup> elaboraram contexto que nos permite compreender que o esforço para recuperar o controle e harmonizar a produção após as greves articuladas a partir de 1917: o futebol teria sido um eficiente aliado na desconstrução do movimento operário brasileiro pelos patrões e Estado, além de um elemento disciplinador imposto sutilmente aos trabalhadores.

Heloísa Bruhns<sup>30</sup> afirma que a trajetória do futebol teria sido um instrumento quase imperceptível utilizado para esvaziar o movimento sindical ao afirmar que

<sup>26</sup> SANTOS, Joel Rufino dos. **História política do futebol brasileiro**. São Paulo: Brasiliense, 1981, p.25 e 26.

<sup>27</sup> RAMOS, Graciliano. **Traças ao Esmo, crônica**. In: \_\_\_\_\_. Linhas tortas. 1921.

<sup>28</sup> RUFINO, op. cit. p. 22.

<sup>29</sup> HERSCHMANN, Micael ; LERNER, Kátia. **Lance de Sorte: o futebol e o jogo do bicho na Belle Époque**. Rio de Janeiro: Diadorim, 1993, p. 35 - 60.

<sup>30</sup> BRUHNS, Heloísa Turini. **Futebol, Carnaval e Capoeira: entre as gingas do corpo brasileiro**. Campinas: Papyrus, 2000, p. 101.

[...] o processo de difusão do futebol entre a classe trabalhadora não pareceu estranho a anarquistas e comunistas, durante as primeiras décadas do século. A questão ocupou alguns sindicatos, recebendo a denominação de ‘esporte burguês’, poderoso ‘ópio’, capaz de minar a união e a organização de classes, [...] tanto que anarquistas quanto comunistas assistiram à derrota de suas resistências, reconhecendo a popularização do esporte e sua adoção pela classe trabalhadora como irreversível<sup>31</sup>

Já Murilo de Carvalho<sup>32</sup> afirma que

A partir da virada do século, o anarquismo fez incursões entre os operários, [...] trazendo propostas políticas e sociais que seguramente confrontavam as tradições. [...] A rejeição da ideia de pátria e de nacionalismo, a oposição ao serviço militar, era a nova ênfase na criação de uma cultura operária própria, de uma educação alternativa, de relações igualitárias entre os sexos. Os anarquistas [...] mostravam sua intolerância com certas tradições populares, como o carnaval, o futebol, o jogo.

Fato é que indústrias paulistas começaram a investir na criação de seus clubes. Nos anos 1920, difícil apontar uma indústria da capital paulista que não tivesse um time ou um clube de futebol. Isto porque a classe empresarial teria passado a ver na proliferação do esporte uma forma de promoção da empresa (idéia de empresa vencedora), de propaganda de seus produtos, de manutenção de certo grau de controle e de disciplina sobre o tempo livre dos trabalhadores, além de passar a imagem de instituição preocupada com o fortalecimento físico e com o divertimento de seus trabalhadores. No entanto, um objetivo pouco claro, diria oculto: retirar os operários das discussões e organizações sindicais. Vale lembrar que o avanço do futebol passou a receber destaque junto à imprensa brasileira, tornando-se esta parceira da proliferação do esporte<sup>33</sup>.

No Rio de Janeiro, o fenômeno se repetiu. Ou seja, no início do século XX, o critério de vizinhança deixou de ser a única forma de organização dos centros esportivos, já que outro padrão emergiu: clubes, empregados de uma mesma loja ou operários de uma

<sup>31</sup> BRUHNS, op. cit, p. 68.

<sup>32</sup> CARVALHO, José Murilo de. **Pontos e Bordados**. Belo Horizonte: UFMG, 1998, p.132.

<sup>33</sup> LOVISOLO, Hugo R. **A invenção do País do Futebol**: Mídia, raça e idolatria. Rio de Janeiro: Mauad, 2001, p.77.

mesma fábrica (caso do Bangu e do Carioca Football Club) conseguiram dos patrões o apoio para a consolidação do futebol. Segundo Pereira<sup>34</sup>,

[...] a caracterização do jogo como um elemento alienante perpetuaria a dominação ao desviar sua atenção dos assuntos realmente importantes, supostamente atestando com isso a falta de consciência social dos trabalhadores cariocas entregues à sua prática.

Algumas fábricas passaram a oferecer, em especial entre paulistas e fluminenses, remuneração especial sob forma de pequenos presentes ao jogador-operário, inclusive um segundo salário<sup>35</sup> (“amadorismo marrom”). Para o jogador-operário, talvez uma forma de construir identidade própria, agindo independentemente da ação de patrão e sindicatos. De outra forma, submissão.

O incentivo ao futebol através dos clubes operários nas fábricas tornou-se motivo de orgulho para as empresas, figurando até nas ações mercadológicas, com álbuns sendo elaborados para divulgar a imagem da indústria nacional no exterior. Na década de 1920, os grandes clubes de futebol associados às fábricas abriram-se a novos sujeitos, não havendo “mais escrúpulo de bater os campos do subúrbio, as barreiras e as várzeas”<sup>36</sup>, com times passando a incorporar em seus quadros jogadores que antes nem entrariam em suas sedes. Como resultado, aos poucos, o futebol transformou-se em um jogo majoritariamente praticado por desfavorecidos sociais, abrindo novas possibilidades para jogadores que até então tinham nos clubes do subúrbio (Rio de Janeiro) ou de várzeas (São Paulo) seu único meio de sobrevivência.

São bons exemplos Domingos Antônio da Guia e Leônidas da Silva, grandes expoentes e astros do esporte, em especial na década de 1930. O primeiro passou a jogar no Bangu em 1929 e recebia do dono da fábrica, Guilherme da Silveira, “bicho” por atuações (entre \$500 e \$1.000<sup>37</sup>); o segundo, após perambular por vários times, migrou, em 1931, para o Bonsucesso carioca, clube que fazia parte da Associação Metropolitana do Rio de Janeiro.

<sup>34</sup> Leonardo Affonso de M. Pereira. **Footballmania: uma História Social do Futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000, p. 255 - 256.

<sup>35</sup> ANTUNES, Fátima M. O futebol nas fábricas. **Revista USP**, São Paulo, n. 22, 1994, p.22.

<sup>36</sup> Paulo Várzea “Prefácio”, in Floriano Peixoto Córrea, *Grandezas e misérias do nosso futebol*, p. 21.

<sup>37</sup> Depoimento de Domingos da Guia ao Museu de Imagem e do Som, MIS/RJ, 01/09/1967.

Teria sido a partir desta nova visão que anarquistas, anarcosindicalistas e comunistas teriam começado a torcer o nariz para o futebol, provavelmente por começarem a perceber que o esporte poderia elevar o nome da fábrica, além de gerar confrontos entre os times e, conseqüentemente, entre os trabalhadores, desvirtuando a luta de classes. Desta forma, lideranças sindicais anarco-sindicalistas passaram a visualizar o esporte com certa desconfiança.

Podemos mencionar alguns clubes ligados a empresas nos anos 1920 em São Paulo: Fábrica Sant'Anna, Associação Esportiva Casa Prat, Aniagem Paulista, Bloco Paraíba F. C, entre outros, além de grêmios das companhias inglesas como a Crespi e a proliferação espontânea do futebol em bairros da periferia de São Paulo em campos denominados várzeas<sup>38</sup>

É provável que inúmeros clubes de fábrica tenham surgido de simples "bate-bolas", ou seja, de partidas de futebol improvisadas, disputadas na rua ou no pátio da fábrica durante o intervalo para o almoço entre aqueles trabalhadores que se dispusessem a jogá-lo. Certo no entanto que, aos poucos, a brincadeira foi ganhando maior organização. Com muitos trabalhadores querendo participar, os times começaram a ser formados no interior de cada seção de uma mesma fábrica. Com o crescimento do número de equipes, um maior número de partidas passaram a ser realizadas. Para tanto, como custear a prática (uniformes, matérias esportivos diversos, espaço para a prática, entre outros) sem o apoio de patrões, já que só a cotização dos interessados era insuficiente?

O incremento das atividades do clube passou a requerer um aprimoramento organizacional. Em cada unidade fabril incentivadora do esporte, foi estruturada uma diretoria, cujos membros tinham por função gerenciar as atividades do grêmio. A tendência era de que esses diretores fossem recrutados dentre os membros dos próprios quadros burocráticos da empresa como chefes, diretores e gerentes. Também passou a ser comum o(s) dono(s) da fábrica ou altos funcionários ocuparem posições de destaque na burocracia do time, como, por exemplo, "presidente de honra", em sinal do "reconhecimento dos sócios"

---

<sup>38</sup> denominação dos campos de futebol onde se realizavam jogos entre as classes populares, geralmente localizados nas várzeas dos rios de São Paulo, com relevo plano não ocupado pela expansão urbana.

pelos serviços prestados ao clube<sup>39</sup>. Não sem reações: o jornal Nossa Voz chegou a denunciar que, durante a greve da Light de 1919, a "população dos clubes fora chamada para substituir os grevistas"<sup>40</sup>.

Caso seja levada em consideração a intenção da proliferação do futebol como agente "esvaziador" do movimento operário, o dia primeiro de maio de 1921 serviria como denunciador: poucos operários participaram das reuniões agendadas nos sindicatos. Trocaram-nas por um jogo de futebol realizado no Parque Antártica<sup>41</sup>, ao ponto de dirigentes trabalhistas concordarem com a afirmação feita alguns dias antes no jornal *A Vanguarda* de que "um novo rumo deve ser dado às lutas operárias"<sup>42</sup>.

O jornal *A Plebe*, em uma de suas edições, chegou a afirmar:

Atualmente, são três os meios infalíveis que os ricos exploradores das misérias e necessidades do povo empregam para tornar a classe operária uma massa bruta: o esporte, o padre e a política. Não existe nenhuma vila ou aglomerado de casas de operários que não tenha o campo de futebol, a igreja e os gorjetados incitadores políticos. Nos campos de futebol, os operários de ambos os sexos tornam-se aficionados e torcedores e brutalizam-se a ponto de só viverem discutindo entre os seus companheiros os lances e proezas dos campeões<sup>43</sup>.

130

O jornal *O Trabalhador Gráfico* confirmou

[...] a necessidade do esporte para a juventude como um fato incontestável", atacando: "A burguesia se aproveita desse fato para canalizar todos os jovens das fábricas para os seus clubes. Que fazem os jovens nos clubes burgueses? Defendem as cores desses clubes. Se o clube é de uma fábrica é o nome e a cor da fábrica que defendem; a burguesia cultiva neles a paixão e a luta contra a juventude das outras empresas. Todo operário footballer deve ingressar nos clubes proletários. No mundo obreiro ninguém mais ignora que o esporte bretão tem sido útil ao capitalismo para desviar a atenção das massas trabalhadoras dos seus sindicatos profissionais"<sup>44</sup>.

<sup>39</sup> DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo. **A Vida fora das Fábricas**: Cotidiano operário em São Paulo (1920-1934). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, p.121.

<sup>40</sup> Jornal Nossa Voz, de 15 de Agosto de 1934.

<sup>41</sup> "A comemoração do Primeiro de Maio", *A Vanguarda* I, n. 38, 5/Maio/1921.

<sup>42</sup> Deoclécio Fagundes, "A missão do Sindicato Operário", in *A Vanguarda*, n. 37, v.27, abr. 1921.

<sup>43</sup> Jornal *A Plebe*, 28 de Janeiro de 1933.

<sup>44</sup> Jornal *O Trabalhador Gráfico*, 25 de Maio de 1928.

Na mesma posição, o jornal *Internacional*, chegou a afirmar em uma de suas edições que

[...] o proletariado [...], se não nos dias de carnaval, nos domingos, nos campos de futebol burguês, deixa-se levar por um entusiasmo contrário àquele que devia ser. Reprovar todos esses ‘brinquedos’ com que a burguesia nos brinda — os passatempos burgueses. São os que a nós mais nos prejudicam. Com eles os abutres diluem o instinto revolucionário dos trabalhadores, hoje seus escravos!”<sup>45</sup>.

Já a edição d’O *Trabalhador Chapeleiro*, apontou que

[...] observamos que uma grande parte das responsabilidades cabe a nós exclusivamente, porque até hoje, aceitando o engodo dos interessados na perpetuação do regime de exploração, temos corrido ao futebol, bailes, às igrejas e aos centros políticos de todos os matizes, descuidando do sindicato que é donde de fato o trabalhador adquire a consciência de si próprio, o valor de sua personalidade”<sup>46</sup>.

O jornal *Nossa Voz*, por sua vez, chegou a fazer o seguinte comentário em uma de suas edições, quando o futebol consolidara-se como prática entre os operários: “Trabalhadores que somos, organizaremos os nossos clubes, as nossas ligas, feitos e dirigidos por nós mesmos, sem interesses de dinheiro, mas só animados pelo espírito de solidariedade proletária”<sup>47</sup>.

Os comunistas, que durante muito tempo foram radicalmente contrários à adoção do futebol pelos trabalhadores, chegaram a propor a criação de uma federação que reunisse clubes de futebol organizados pelos sindicatos, chegando a defender uma ‘proletarização do esporte’ com capacidade de transformar “em um campo de luta pela libertação de toda forma de miséria e opressão”<sup>48</sup>. Quando criticados por anarquistas a propósito da segregação dos jovens operários que o futebol promovia, os comunistas brasileiros argumentavam que, “[...] caso estes jovens não tivessem acesso à prática do futebol dentro dos sindicatos, eles o teriam fora deles”<sup>49</sup>.

<sup>45</sup> O *Internacional*, 15 de Fevereiro de 1929 (de orientação comunista)

<sup>46</sup> O *Trabalhador Chapeleiro*, 01 de Janeiro de 1933.

<sup>47</sup> *Jornal Nossa Voz*, 01 de Julho de 1934.

<sup>48</sup> Decca, *ibidem* p. 121.

<sup>49</sup> Decca, *ibidem*, p. 123..

A proliferação do futebol no Brasil, quando incentivado enquanto prática por anarquistas, comunistas e capitalistas, possui defesas:

Algumas discussões apontavam o futebol como um elemento positivo e unificador de um país miscigenado, que pode promover a educação e a solidariedade [...] Outros viam o futebol como expressão do atraso e do subdesenvolvimento<sup>50</sup>.

### **A DICOTOMIA PARECERIA ESCANCARADA**

A análise dos investimentos progressivos no futebol em empresas como Fábrica de Tecidos Votorantim, Regoli e Cia. Ltda (posteriormente adquirida pelo Cotonifício Crespi), Laticínios Vigor, The São Paulo Tramway, Light & Power Co. (atual Eletropaulo – Eletricidade de São Paulo S/A) e Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo (esta, inclusive, ao empregar o trabalhador, automaticamente o associava ao seu clube, segundo dados obtidos em algumas de seus estatutos; o Art.12o do regimento da empresa apontava que “O sócio, que se tornar indigno de estima, por sentença infamante, ou for demitido da Casa Matarazzo, por faltas graves, será “ipso facto” eliminado)<sup>51</sup> – nos dá uma pista da importância da proliferação da prática do futebol entre os trabalhadores<sup>52</sup>.

132

Tais investimentos vinculavam-se à cessão ou pagamento de aluguéis de terreno das empresas para a edificação do campo de futebol e sede social, além de contribuição mensal em dinheiro para pagamento de despesas do clube-empresa no que tange à conservação, limpeza, impostos, energia elétrica, manutenção dos uniformes, transporte de jogadores e fornecimento de material de jogo. Percebe-se, também, que, em geral, a diretoria de cada empresa (Conselho Fiscal e Deliberativo) elaborava o regimento interno e os estatutos do clube, bem como aprovava ou não os associados a este.

---

<sup>50</sup> REGO, José Linsdo; FILHO, Mário; Rodrigues, Nelson. **Com brasileiro não há quem possa**. São Paulo: Unesp, 2004

<sup>51</sup> o futebol era praticado na Associação Atlética Matarazzo desde sua fundação em campeonatos internos entre as diferentes seções dos escritórios centrais, de onde eram selecionados os integrantes da equipe principal. Esta, por sua vez, disputava os campeonatos internos inter-fábricas que reuniam os grêmios das Indústrias Matarazzo da capital e também do interior do Estado de São Paulo.

<sup>52</sup> De acordo com a análise de documentos (atas, relatórios de assembléias e memorandos) das empresas.

Não há como desconsiderar que o fim da República Velha, em 1930 - quando o Brasil partiu para seu projeto oficial de industrialização -, fez a política e o futebol se aproximarem em definitivo, talvez pela ênfase dada ao esporte no primeiro quarto do século.

Cerca de três semanas após assumir o controle sobre o país, Getúlio Vargas iniciou uma política de aproximação junto aos trabalhadores, procurando atender antigas reivindicações dos operários, acalmando as relações conflituosas nas décadas anteriores e ganhando fôlego para um governo mais suavizado.

No governo de Getúlio Vargas (1930-1945) - a fim de promover e incentivar o esporte operário - foram criadas instituições organizadoras de eventos que acabaram por se tornar importantes veículos de propaganda do governo e de seu regime político, bem como das próprias indústrias que deles tomavam parte. Em 1933, por exemplo, o governo Vargas autorizou a criação da profissão do jogador de futebol obrigando-o - como a todo trabalhador assalariado - à sindicalização. Tal profissionalização correspondia a um movimento cultural e político amplo, envolvendo os interesses da disciplina social do Estado e a criação de uma identidade nacional. Já na sua segunda Copa do Mundo, disputada na Itália em 1934, a seleção brasileira teve como chefe da delegação Lourival Fontes, um dos mais próximos colaboradores de Getúlio Vargas. O próprio presidente tratou de colocar o futebol dentro do palácio do governo, quando afirmou que “a missão do time não é somente de caráter esportivo, mas envolve o desempenho de um dever cívico”<sup>53</sup>, talvez inspirado por Benito Mussolini, que transformara o Mundial de então em evento para consolidar o regime fascista.

133

## CONCLUSÕES

Na busca de significados e do funcionamento das sociedades, as mais diversas linguagens tornaram-se objetos privilegiados para as análises, vistas, cada vez mais, como metáforas da realidade. Os variados discursos (orais, rituais, escritos, musicais, arquitetônicos) passaram a ser codificados com maior frequência, procurando apreender seus elementos de tensão social e seus sentidos históricos, sua produção e sua circulação num dado meio social. Ou seja, faz-se necessária a identificação de elementos da “micro história” e sua valorização diante da tradicional “macro história”.

---

<sup>53</sup> NEGREIROS, Plínio J. L. C. **Futebol**: o espetáculo do século. São Paulo: Musa, 1979, p. 217.

O futebol, então prática das elites sociais, avançou intensamente no Brasil, popularizando-se, doutrinando, guiando passos, transpondo momentos e invadindo o dia-a-dia de todos os brasileiros, mesmo entre aqueles que não o apreciam diretamente. Vitória da bola, que pode ter chegado até mesmo a esvaziar o movimento operário das primeiras décadas do século XX de forma estratégica e, portanto, pensada propositalmente.

O futebol é um esporte de fácil assimilação e improvisado. Diria anárquico. Caso sejam dispensadas as regras oficiais, joga-se como quiser. O campo de jogo pode ser adaptado, assim como as metas (gols). Dois pares de chinelas podem ser o bastante para delimitar o objetivo. O campo pode ser um pedaço de calçada ou de rua. O piso pouco importa: regular, esburacado, íngreme. O tempo é livre; pode até ser por número de tentos marcados, tal qual “vira a seis, termina a doze”. Oficialmente, onze jogadores de cada lado, mas podem ser unidos quantos jogadores se desejar ou se tiver à disposição. Com goleiro, sem goleiro, com goleiro-linha. Até a bola pode ser adaptada. Pode-se apitar por consenso. A tática pode existir ou ser traída.

134

A primeira Copa do Mundo organizada no Brasil ocorreu em 1950. Os tempos eram outros. Estávamos sob o governo de Eurico Gaspar Dutra (1946-1951), ninguém conhecia Pelé e os anos de desenvolvimentismo de JK ainda não tinham chegado. Tudo era mais modesto e as exigências da FIFA eram outras. Denúncias de corrupção e de capitalização política teriam sido jogadas ao ar.

A análise historiográfica dá-nos pistas de que a trajetória da popularização do futebol no Brasil pode nos fazer entender a relação entre o mesmo e as ações estruturais, especificamente o interesse de se entender qual o uso que o sistema político brasileiro fez do futebol. Isto não significa que se almeja reduzir a prática do futebol à da política. Não há dúvidas, no entanto, que futebol e ideologia nacional estão relacionados.

Na atualidade, quando vemos noticiadas brigas entre torcedores de clubes de futebol rivais, ou que fanáticos procuram agredir atletas que não correspondem às expectativas nos times que defendem, ou que trens foram destruídos após uma partida de bola por torcedores derrotados, chego a questionar: “por que o povo brasileiro parece ter sido educado para achar que seus problemas resumem-se ao futebol?”. Talvez a pergunta deva ser colocada de forma diferente: “por que o futebol traz revolta e o desemprego, a violência, a triste condição da educação ou da previdência, a fome, a opressão, nem tanto?”. Difícil responder sem que haja

um aprofundamento na questão. O fato é que (no Brasil em especial) uma derrota do time pelo qual se torce, abala tanto ou mais do que a notícia de um ataque terrorista em Paris, Madri, Nova Iorque ou Moscou. Sofre-se mais com um revés do time do coração do que com os milhões de habitantes que chafurdam na miséria ou ignorância.

O perfil de participação do país nos torneios denominados Copa do Mundo, realizados a partir de 1930, insere-se em um contexto histórico, exatamente como em nossa vida individual, quando o desempenho em alguma atividade importante relaciona-se à atmosfera de equilíbrios e desequilíbrios pessoais.

Todo este processo possui raízes que carecem de análises profundas e elas estão em um passado não tão distante assim.

#### REFERÊNCIAS

ALVES, Paulo. **Anarquismo e Anarcosindicalismo (teoria e prática no movimento operário brasileiro – 1906-1922)**. Curitiba: Aos quatro ventos, 2002.

ARAÚJO, José Renato de C. **Imigração e Futebol: o caso Palestra Itália**. SP: Ed. Sumaré, FAPESP, 2000, p. 64.

AQUINO, Rubim Santos L. de. **Futebol, uma paixão nacional**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

CALDAS, Walenyr. **O pontapé inicial: memória do futebol brasileiro**. São Paulo: Ibrasa, 1990.

CAMPOS, RUI Ribeiro de. **Futebol: racismo, identidade nacional e uso político**. Rio de Janeiro: DBA, 2000.

CARVALHO, José Murilo de. **Pontos e Bordados**. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

CUNHA, Loris Baena. **A verdadeira história do futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Publicitária, 1994.

DULLES, John W. Foster. **Anarquistas e Comunistas no Brasil (1900-1935)**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

FAUSTO, Boris. **Negócios e Ócios**. São Paulo: Cia. das Letras, 1997.

FAUSTO, Boris. **Trabalho urbano e Conflito social (1890-1920)**. São Paulo: Difel, 1976.

FILHO, Mário. **O Negro no Futebol Brasileiro**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

FRESCA, Camila Ventura. Pagu. In *Rebeldes Brasileiros: homens e mulheres que desafiaram o poder*. São Paulo: Casa Amarela, 2001, vol. 2.

HARDMAN, Francisco Foot. **Nem Pátria, nem Patrão**. São Paulo: E-VUNESP, 2002.

KUPPER, Agnaldo. **Sociologia: diálogos compartilhados**. São Paulo: FTD, 2014.

KUPPER, A. ; CHENSO, P.A. **História Crítica do Brasil**. São Paulo: FTD, 1998.

JORNAIS OPERÁRIOS, diversos.

LEONARDI, V. P. de Barros. Efeitos Sociais da Primeira Industrialização no Brasil. In: **História do Século XX**. São Paulo: Abril, 1975, vol. 3.

LEONARDI, V. P. de Barros. O papel do imigrante na evolução do Brasil. São Paulo: Abril, 1975. In: **História do Século XX**. São Paulo: Abril, 1975

LORENZO, Helena C. ; COSTA, Vilma P. da. **A década de 20 e as origens do Brasil moderno**. São Paulo: E-VUNESP, 1997.

136

MARAM, Sheldon L. **Anarquistas, Imigrantes e o Movimento Operário Brasileiro (1890-1920)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

MAZZONI, Tomás. **História do futebol no Brasil**. São Paulo: Leia, 1950.

NOGUEIRA, Armando. **Bola na rede**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1974.

PATUSCA, Araken. **Os reis do Futebol**. São Paulo: [s.n], 1976.

PEDROSA, Milton (Org). **Gol de Letra: o futebol na literatura brasileira**. Rio de Janeiro, 1967.

PEREIRA, Leonardo Affonso de M. **Footballmania, uma História Social do Futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

PINHEIRO, Paulo César de M. Sarmiento. Cultura e Sociedade no Brasil (1900-1914). In: **História do Século XX**. São Paulo: Abril, 1975, vol. 3.

PINHEIRO, Paulo César de M. Sarmiento. **A classe operária do Brasil (1889-1930)**. Documentos. O Movimento Operário. São Paulo: Alfa-Ômega, 1979, vol. 1.

PROENÇA, Ivan Cavalcanti. **Futebol e Palavra**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1981.

RAGO, Margareth; GIMENES, Renato A. Oliveira (Orgs.). **Narrar o passado, repensar a história**. Campinas: Unicamp, 2000.

SANTOS, Joel Rufino dos. **História política do futebol brasileiro**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu Estático na Metrópole**. São Paulo: Cia. das Letras, 1992.

SIMÃO, Azis. **Sindicato e Estado**: Suas relações na formação do proletariado de São Paulo. São Paulo: Dominus, 1966.

TOUCHARD, Jean (Org.). **Histórias das Idéias Políticas**. Socialismos e movimentos revolucionários (1870-1914). Lisboa: Publicações Europa/América, 1970.

WISNIK, José M. **Veneno Remédio**: o futebol e o Brasil. São Paulo: Cia. das Letras, 2008.